



COLÉGIO LUIZA DE MARILLAC

EXTERNATO POPULAR SÃO VICENTE DE PAULO

Rua Voluntários da Pátria, 1.653 - Santana - São Paulo - CEP: 02011-300

Tel/fax: 2226-6161 - www.marillac.g12.br - marillac@marillac.g12.br

A vida privada

As grandes cidades européias, como Londres e Paris, do século XIX representaram um espaço de atuação privilegiada para a prática de atividades de caráter público no espaço privado. A literatura, a arte burguesa, vai ser um dos grandes espelhos para que possamos entender como se desenvolve a relação de forças sociais e a criação de paradigmas a serem seguidos por todos. Os grandes escritores do século XIX foram, também, criadores de tipo, podemos citar o burguês à Balzac, descrito na literatura do romancista à exaustão. O homem solitário entre tantas pessoas como o *Homem da multidão* de Edgar Allan Poe, a mulher desesperada por viver todas as emoções possíveis como Ema Bovary, do romance de Flaubert, entre tantos outros personagens que moldaram o jeito de ser burguês. Esse jeito de ser tinha um lado licencioso, lascivo que era explorado por esses e tantos escritores, os prazeres carnais nunca apareceram tanto na alta literatura quanto os personagens descritos nos romances do oitocentistas.

Ao longo da unidade estudaremos de que maneira esse comportamento audacioso sai das páginas dos livros e ganha a liberdade das grandes avenidas européias. Estudaremos a influência do comportamento burguês na literatura urbana e vice-versa, a criação de um novo tipo de burguês, daquele que gosta de se mostrar, que gosta de circular pelas ruas para ver e ser visto, a qualquer custo.

A sexualidade nunca esteve tão em voga na história do mundo ocidental quanto durante o século XIX. E muitas são as formas que temos para encontrar e analisar esse comportamento. A literatura é um dos pontos mais visíveis muitos personagens se entregam a uma busca frenética pelo prazer, sexual, social em que o exagero é a marca característica. Essa busca por uma libertação é fruto da ascensão e consolidação do comportamento burguês. O burguês passa a ser um sujeito que busca valorizar sua individualidade e procurar sempre se destacar dos seus semelhantes pelo comportamento, pela ousadia, pelo comportamento sempre em busca de uma inovação, seja tecnológica seja comportamental.

Os séculos da modernidade ocidental, depois do século XIV passaram por muitas fases. Em se tratando de **privacidade** podemos situar o século XIX como o momento em que o indivíduo começa a dar atenção redobrada aos seus momentos de **intimidade**. Os momentos de intimidade passam a ser valorizados, a reunião familiar, após o jantar, para ouvir histórias, sentar próximos para discutir problemas familiares, essas ações todas ganham espaços adequados, a sala de estar, os quartos, antes ambientes comuns a todos passam a ser reservados aos seus habitantes, locais proibidos às visitas.

Essa valorização do ambiente privado se justifica uma vez que cada indivíduo merece ter seu espaço privado para exercitar sua individualidade, em busca de um espaço de reflexão e crescimento pessoal. É importante destacar que esse cuidado com o espaço privado ocorre muito em função da cisão que ocorre, especialmente em fins do século XVIII, entre os espaços público e privado. Se no privado o indivíduo pode ser ele mesmo, pode encontrar um local adequado para desenvolver e aprofundar seu pensamento, no público, que o palco de atuação ele deve agir com seu papel pré-definido, adequando-se às regras e convenções sociais, cuidar de seu vocabulário, pesar bem as palavras, desenvolver estratégias políticas de sobrevivência no meio burguês.

O século XIX passa a ser o momento em que o indivíduo, no ocidente, passa a ser uma mescla dessas duas faces, a pública e a privada. E é esse indivíduo, moderno, que encontramos a cada vez que olhamos para dentro de nós mesmos, a

reflexão, tão característica desse sujeito não nos é estranha, assim como somos muito familiares de seus gestos em público, pensados, medidos, com a intenção de criar sempre a melhor das impressões.



James Polard - Hyde Park – 1836

Fonte: <http://www.intaglio-fine-art.com/prints/london-prints.html>

Edgar Allan Poe, em um de seus contos, *O Homem da Multidão* descreve o ambiente urbano de maneira muito peculiar. Mesmo no meio de uma multidão de uma grande cidade é possível um homem sentir-se solitário. Esse sentimento se deve muito ao diálogo interior, que o homem oitocentista pode realizar consigo a qualquer momento uma vez que a individualidade é a marca do homem moderno. Máxime Du Camp, citado por Walter Benjamin, descreve a sensação do homem moderno, escreve ele, a respeito da figura do **flaneur**: “tenho medo de parar; é o instinto de minha vida” (BENJAMIM, 1989, p 203).

A circulação das massas pelas ruas de grandes cidades só foi possível graças à urbanização, resultado direto da Revolução Industrial. O crescimento urbano alterou e muito a paisagem urbana. O crescimento gerado pela industrialização exigiu uma **nova configuração urbana**, serviços de fornecimento de água, esgoto, energia elétrica, segurança urbana, transporte público passam a ser questões cada vez mais presentes no cotidiano das grandes cidades. Essas preocupações, no entanto, não tomam todo o tempo dos indivíduos e o sujeito consegue um tempo para cismar sobre sua vida, se questionar, desejar, sonhar, olhar para o futuro com esperança, independente de como esteja o seu presente.

Obviamente que o **crescimento urbano** como ocorreu acabou por prejudicar a distribuição dos serviços públicos citados acima. As zonas industriais criadas, e que cresciam rapidamente, atraíam um grande número de trabalhadores, para bairros distantes do centro e, como consequência, cheios de problemas e com as piores condições de vida possíveis.

Entretanto, apesar das péssimas condições de algumas regiões das cidades, estas acabavam por atrair as pessoas interessadas em sentir o fluir da **vida mais acelerada** que se encontra nesses grandes centros urbanos. Essa vida, cheia de experiências que se oferecem a todos os instantes, para os homens modernos cobra também um preço. E, esse preço, muitos desses homens não conseguem pagar. Rousseau descreve esse comportamento em sua novela, “*A Nova Heloísa*”, seu herói, Saint-Preux, saído do campo para a cidade, se encanta e se assusta com o novo mundo que encontra. Depois de algum tempo ele escreve à sua amada que ficou no campo descrevendo seus sentimentos, segundo ele:

Eu começo a sentir a embriaguez a que essa vida agitada e tumultuosa me condena. Com tal quantidade de objetos desfilando diante de meus olhos, eu vou ficando aturdido. De todas as coisas que me atraem, nenhuma toca meu coração, embora todas juntas perturbem meus sentimentos, de modo a fazer que eu esqueça o que sou e qual meu lugar. (ROUSSEAU, citado em BERMAN, 1986, p18)

Esse turbilhão da vida moderna, característico da mentalidade burguesa assusta e atrai, igual o canto das sereias, e, como o canto das sereias muitos não resistem e acabam sucumbindo.

Consolidando sua posição de classe social hegemônica a burguesia vai, aos poucos, **interiorizando seus valores** ao cotidiano da sociedade. Seus hábitos, valores e modo de pensar tornam-se padrão, o apego às inovações passam a ser o comportamento esperado de todos. O empreendedorismo burguês, que alçou muitas famílias à condição de muito ricas em pouco tempo, torna-se a norma, e, depois de enriquecer o passo seguinte seria mostrar essa riqueza para todos. Os burgueses passam, então, a construir palacetes, nos arredores das cidades, a patrocinar salões artísticos, comprar obras de arte, proteger artistas, tudo em busca de uma distinção social.

Outros valores burgueses, como a **valorização do trabalho e da família** eram seguidos de maneira muito conscienciosa por todos. As mulheres eram donas de casa e cuidavam para que tudo andasse a seu gosto, especialmente nas reuniões sociais, momento em que a família aproveitava para expor, aos amigos, as suas condições econômicas, através dos objetos usados no evento. Porém, ao mesmo tempo em que se reúnem, as relações sociais entre os burgueses são relações marcadas pela fatuidade, enquanto que os mais pobres tendem, ou ao menos tentam, manter relações mais estáveis e sólidas, baseadas em uma proximidade, os burgueses mantêm uma distância segura e saudável de seu próximo, Karl Marx analisou esse comportamento diferente do existente até então e atribuiu ao dinheiro, característica maior da burguesia, essa inovação no campo das relações humanas.

Todas as relações fixas, enrijecidas, com seu travo de antiguidade e veneráveis preconceitos e opiniões, foram banidas; todas as novas relações se tornam antiquadas antes que cheguem a se ossificar. Tudo o que é sólido desmancha no ar, todo o que é sagrado é profanado, e os homens finalmente são levados a enfrentar as verdadeiras condições de suas vidas e suas relações com seus companheiros humanos. (MARX, ENGELS, 2000, p 23)

Assim não resta muito para estabelecer relação entre um homem com outro homem, o dinheiro atravessa as relações, os valores servem como muros e os homens distanciam-se de seus próximos ao mesmo tempo em que se aproximam de seus personagens literários, encontrando neles modelos a seguir e inspiração para agir socialmente.

A literatura burguesa produzida ao longo do século XIX tem uma característica bem singular: foi a criadora de modelos a ser seguido por seus leitores, que buscavam viver as aventuras, sexuais, afetivas que os heróis dos romances burgueses viviam.

Balzac foi um dos grandes criadores de padrão de comportamento burgueses, sua obra foi escrita na primeira metade do século XIX, mas foi a segunda metade que viu os tipos saírem das páginas e ganharem as ruas da França e de outros países em que o *dândi* balzaquiano era o modelo a ser seguido. Vários são os tipos, desde a ingênua e conformada Eugênia Grandet, passando pelo gênio atormentado Luis Lambert, passando pelo aristocracia decadente representada pela marquesa d'Espard, e tantos outros, que se relacionam e aparecem em várias histórias distintas, à época chegou-se a criar um chiste que dizia que "Balzac competia com o cartório de registro civil" tamanha a quantidade de personagens por ele criados. Entretanto dois personagens são importantíssimos, a cidade de Paris e o dinheiro. Os dois, a cidade e o dinheiro fazem parte dos sonhos de todos os personagens, quando não é a cidade é o dinheiro, muitas vezes, ambos. Esse desejo ocorre muito em função da necessidade de se vencer na vida, ideal burguês, e, à época, não havia palco melhor para isso acontecer do que na Cidade Luz.

Percebemos esse desejo burguês em um romance de um afilhado de Balzac, o romance "Bel Ami" narra a história de Georges Duroy, jovem que vai a Paris em busca de riqueza e afirmação social. A beleza, que lhe rendeu o apelido de "Bel Ami" é o que lhe abre portas. De um ingênuo sonhador no início do livro Georges vai se transformando em um aproveitador, que usa de mulheres, através da traição a seus maridos, do casamento arranjado para ascender socialmente enquanto exerce a profissão de jornalismo, mesmo sem ter muita vocação para a atividade.

A contrapartida feminina de Georges Duroy é Emma Bovary, personagem principal do romance de Gustave Flaubert, “Madame Bovary” narra a história de uma provinciana que, para passar o tempo lê romances e deseja viver a vida dos personagens narradas nas páginas lidas. Nada em sua vida é considerada emocionante pela protagonista. De sonhos em sonhos ela encontra amantes que lhe trazem alguma emoção, mas não conseguem preencher o vazio que a personagem sente. Vazio criado pela vontade de viver o turbilhão social, o imenso cabedal de emoções descritos, quase um século antes, por Saint-Preux, o personagem de Rousseau. Ao contrário do herói de “A nova Heloísa” Emma nunca vai realizar seu sonho de viver em Paris, mas terá muitas emoções acumuladas ao longo de sua vida, cujo final será trágico até por que um livro lançado em 1857 não poderia premiar uma mulher adúltera e descrente da vida religiosa. De qualquer forma, Emma Bovary, que buscara na literatura uma possibilidade de viver uma liberdade social e sexual certamente serviu de inspiração para leitoras de carne, osso e desejo em muitos palacetes burgueses de Paris e outras metrópoles ocidentais.

Entre os séculos XVI e XVIII a burguesia desenvolve o moderno **sentimento de família**, em que a privacidade vai, aos poucos ganhando status de último refúgio da família diante do mundo exterior. É bem verdade que durante o século XVIII a casa ainda é um ambiente indiferenciado, em que os espaços não estavam devidamente separados e todos tinham acesso a todos os cômodos da casa. Pouco a pouco, no século XIX os espaços vão sendo especializados e se tornando privados e seu acesso restrito a poucas pessoas.

Ao mesmo tempo os membros da família passam a ganhar importância em suas funções específicas, assim, na família burguesa o pai é o responsável por garantir o sustento da família, já a mãe cabe a manutenção da casa e o cuidado com os membros da família. O cuidado da mulher se estende, com muito mais atenção ao/s filho/s uma vez que ele passa a ser o herdeiro dos bens familiares e precisa ser bem cuidado, bem alimentado, instruído e amado, excessivamente, tornando-se o ponto terminal das relações familiares da burguesia no século XIX.

Dessa forma a família, especialmente pela importância que a criança ganha no **núcleo familiar**, passa a ter uma importância muito grande na sociedade burguesa e a preocupação com a educação da criança ganha corpo. A educação começa por um ambiente asséptico, ou seja, as famílias afastam-se dos locais em que houvesse uma mistura muito grande, e desagradável, de vários tipos sociais, de várias idades que pudessem influir negativamente sobre as crianças burguesas. Novos bairros são criados, as casas, os empregados, todos passam a ser melhor adequados à esperança que a família nutre no fruto do casamento, o herdeiro dos bens familiares. Phillipe Áries destaca que no século XIX a família burguesa começa a se separar da sociedade fechando-se em um “*espaço limitado, aquém de uma zona cada vez mais extensa de vida particular*” (ÁRIES, 1986, p. 267).

Esse sentimento de família, de cuidado com a educação das crianças é fruto de uma preocupação que se tem com a educação das crianças, preocupação que é originária dos séculos XVII e XVIII, que se voltaram para um cuidado com a moralidade das crianças e a espiritualidade, incentivada pela Igreja a família vai aos poucos ganhando importância na educação das crianças, especialmente a família burguesa, depositária da moral e dos bons costumes sociais.

Referências

ÁRIES, Phillipe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas. Volume III**. Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.